

Profecia para A Castro

António Maria Mourinho

Organização, introdução e notas de
António Bárbolo Alves
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *Profecia para A Castro*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Janeiro de 2008

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

Apresentação

Deste texto existem no Arquivo de António Maria Mourinho sete exemplares (um original e seis cópias), dactilografados, com duas páginas cada. Esta "profecia" compõe-se de trinta e uma estrofes, divididas em duas partes.

Este texto foi escrito de propósito para esta representação, embora não tenhamos conseguido apurar se o Padre ou Mourinho teve ou não outro papel na encenação e montagem do espectáculo. Sabemos contudo que ele assistiu à representação pois dela nos dá conta num artigo escrito no *Mensário das Casas do Povo*, Ano II, nº 14, Agosto, 1947, onde publica igualmente algumas fotografias deste espectáculo. É provável que os originais ou os negativos destas fotos se encontrem também no Arquivo de António Maria Mourinho. Contudo, até ao momento, elas ainda não foram localizadas.

Refira-se ainda que texto desta Profecia, embora mais incompleto, com apenas dezanove quadras, foi igualmente transcrito por Azinhal Abelho no 2º Volume do sua obra *Teatro Popular Português*. O mesmo autor transcreve depois um texto completo de *A Castro*, recolhido na freguesia da Póvoa, concelho de Miranda do Douro, e "constituído pelo drama *A Nova Castro*, de Domingos de Reis Quita, adaptado por João Baptista Gomes e acrescentado... com o quadro da coroação."

Segundo se lê no início desta *Profecia*, *A castro* foi representada em Picote, em Maio de 1947. Contudo, a data efectiva da representação parece ter sido no Domingo, 8 de Junho de 1947.

PROFECIA que, em verso popular compôs o Pe. António Mourinho, pároco de Duas Igrejas, para a tragédia castro, adaptada de António Ferreira, por Júlio Dantas, para ser anunciada na representação popular no mês de Maio de 1947, na freguesia de Picote, Terra de Miranda, em estilo da região.

O Senhor do Universo
Infinito e Onnipotente,
Que criastes o Céu e a Terra,
E viveis eternamente!...

Deus dos astros e dos mares,
Deus da força e da canseira
Dai-me auxílios pr'a contar
Esta história verdadeira.

Dai-me forças, Senhor meu
P'ra dizer a esta gente
Que não dê ouvido á inveja,
Pois se mancha eternamente.

Oh, senhores que escutais
Ao que vos digo, atendei,
Perdoai-me a pouca graça
Que neste anúncio porei.

Venho anunciar uma história
Que em nosso reino passou
Com tanto amor e horror
Que o tempo e mundo assombrou.

Nos Reinos de Portugal
Nos tempos da Meia Idade
D. Pedro amou uma dama
Com nobreza e lealdade.

Era D. Inês de Castro
Mais bela, boa e prendada
Mas porque era das Espanhas
Temeram vê-la coroadada.

D. Pedro amou D. Inês
E tanta paixão lhe tinha
Que lhe disse mui de veras:
Um dia, será rainha!...

Inês amava D. Pedro
Com tanto amor e alegria
Que todas as sombras dele
Eram a luz do seu dia.

Não houve conselho amigo
Não houve amor paternal
Que trocasse o amor do Príncipe
Por amor de Portugal.

O ciúme é mau conselheiro
A inveja é negra traição
Porque Inês amou D. Pedro
Decretam-lhe a perdição.

Enquanto Inês vive em paz
No amor dos filhos queridos
Vão pedir ao Rei seu pai
Os dias de Inês perdidos.

Vereis Pacheco e Gonçalves
E Coelho intrigando o Rei
Pedindo a morte de Inês
Como Honra, Nobreza e Lei.

O rei que vencera os mouros
Declara Inês inocente
Mas entre a fúria de touros
Maus ministros e agouros
Em dar-lhe a morte consente.

Amolece em fraca lama
Quem fora forte na guerra,
D. Afonso vai na trama
Do mau sestro e da má fama
Deitando a coroa por terra.

Ouvintes, olhai Pilatos
Herói de triste fraqueza!...
Sede fortes com justiça
E castigai a cobiça

E a traição com fortaleza.

Com isto, senhores vereis
A primeira parte finda,
No que muito aprendereis
E todos vós folgareis
Com a paz de Inês, tão linda...

Prestar-nos vossa atenção
E grande favor pedido,
E nós de bom coração
Com grande satisfação
Teremos agradecido.

II PARTE

Por esta segunda parte,
Seguimos nossa jornada
Vive Inês sobressaltada
Enquanto o rei com má arte
Manda que seja matada...

Inês sonhara que vira
Um leão irado e bravo,
Três lobos uivando ouvira...
Mas o leão faz-se escravo
E entre os lobos expira.

Por este sonho era Inês
Mais triste que a noite escura
Não mais dormiu outra vez,
Torna-se a gala viuvez
A feliz vida, tristura...

Já se ouve ao longe o clarim
E as armas do Rei se aprontam
E os três verdugos se aprontam
A ama pressente o fim
E as donzelas se amedrontam.

Qual pomba mansa e cordeira
Nas garras do gavião
Inês aflita no chão,
Aos pés do Rei cai ligeira
Pede clemência e perdão.

Correm também as donzelas
Ao rei chorando se editam
Que não mate a linda Inês
Que olhe a inocência outra vez...
– Nem os filhinhos respeitam!

Pede Inês, soluça e chora
Aos pés do rei abraçada,
Pelos filhinhos implora
A vida por uma hora,
Para um desterro e mais nada.

O Rei abranda um momento
E perdoa á linda Inês
Mas negra inveja e tormento
E os verdugos sem lamento
Caçoam por sua vez.

Vede a fraqueza maldita
Vencer-se aos pés da maldade
A sorte de Inês é escrita
Nos livros da humanidade
Com sangue de alma precita.

Inês morreu nas espadas
Dos verdugos carneiros
Tangem sinos, badaladas,
Choram filhos e criadas
Sofrem planuras e outeiros.

D. Pedro estava na Beira
Em caçada e montaria
Quando a nova traiçoeira
Ali chegou mensageira
A matar sua alegria.

D. Pedro jura vingança
Dor tamanha não suporta
E ante a negra matança
Coroa Inês sem tardança
Rainha depois de morta...

Com isto, senhores vereis
Nosso auto acabado
Pela atenção que presteis
Muito fruto colhereis e o nosso muito
obrigado.

*Pe. António Mourinho
Duas Igrejas, 24 de Abril de 1947*